



O FEMININO E A VELHICE: UM ESTUDO SOBRE AS CRENÇAS ATRIBUÍDAS POR MULHERES IDOSAS AO ENVELHECIMENTO.

ADRIANO DE SOUSA BARROS

Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: adriano.sbarros@gmail.com

AMANDA LIMA ARAÚJO GARCIA

Faculdade Maurício de Nassau. E-mail: amandalimagarcia@hotmail.com

LAIZA KELLY DA SILVA VASCONCELOS

Faculdade Maurício de Nassau. E-mail: laiza_kelly@hotmail.com

RESUMO

O presente texto é resultado de uma proposta de pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia, tendo como objetivo identificar e analisar as crenças atribuídas por mulheres idosas ao envelhecimento. Numa perspectiva psicodinâmica, este objetivo baseia-se no conceito de crenças irracionais como algo inerente ao ser humano, desenvolvidas conforme conceitos que induzem à conclusões errôneas sobre si, os outros e a realidade que cerca. Estas crenças são desenvolvidas durante o processo educativo familiar e social, podendo manifestar-se em momentos posteriores ao seu aprendizado, alterando o comportamento dos sujeitos e podendo provocar sofrimento psíquico como no caso da distorção da autoimagem e queda da autoestima. Esta chave de análise nos servirá para investigar o envelhecimento feminino sob o olhar da mulher idosa, escolhidas como um grupo significativo da população nesta faixa etária, a qual tem crescido exponencialmente frente aos idosos masculinos. Essas mulheres enfrentam uma problemática muito particular na sociedade atual, abarcando questões sociais, emocionais, econômicas e físicas, o que as coloca numa posição de vulnerabilidade social. Os problemas e mudanças que acompanham ou surgem no período da velhice, são geralmente doenças crônicas, sentimento de inutilidade, negação da autoimagem, dentre outros. Nesta perspectiva discursiva, o presente trabalho se desenvolverá em formato de estudo descritivo com abordagem quantitativa, a ser realizado nas Instituições de Longa Permanência para Idosos na cidade de Campina Grande, tendo como público principal as



mulheres idosas. Como instrumento de coleta de dados será usado a Escala Diferencial Semântica de Crenças sobre a Velhice, validada por Neri (1991; 1995; 1997).

Palavras-chave: Envelhecimento, Vulnerabilidade social, Crenças Irracionais.

INTRODUÇÃO

O envelhecer da população mundial é um fenômeno um tanto quanto atual e, falar sobre a velhice na realidade brasileira, que mantém o ideário de ser uma nação jovem, não é tarefa simples. Mercadante (2005) refere-se à velhice como algo complexo, pois em nossa cultura não existe a ideia clara do ciclo de vida. Arcuri (2005) explica que possuímos um roteiro social bastante claro a seguir até os 50 anos, e isso nos leva a pensar que as mudanças imaginadas possam ocorrer na segunda metade da vida, determinando um futuro que não desejamos reconhecer. A situação pode ser agravada pela desigualdade entre as taxas de crescimento da população de idosos, com as múltiplas demandas, e a de jovens com crescimento abaixo da média.

As pesquisas tem mostrado um quadro que precisa de destaca: entre 1960 e 2020 estima-se em 760% o crescimento do número de idosos no Brasil e apenas em 166% o de jovens (CHAIMOWICZ, 1997). A razão homens/mulheres mostra que a proporção de mulheres é bastante superior à de homens, e os aspectos relacionados ao envelhecimento mostram diferenças entre idosos e idosas, confirmando assim diferenças no envelhecimento entre gêneros (CAMARANO, 2006).

De modo geral, no mundo existe uma porção maior de mulheres idosas do que de homens idosos, quando considerado a população total de cada sexo. O aumento da população idosa no Brasil se dá de forma rápida e progressiva, e mesmo que a velhice não seja universalmente feminina, possui um forte componente de gênero. Parte de um contingente de idosos apresentam taxas elevadas de vulnerabilidade e dependência (química, física, social, econômica), que se inter-relacionam com as crenças negativas que associam esta fase à falta de produtividade e perda da autonomia. Fatores como esses tornam prejudicam os idosos, especificamente as mulheres, as quais são afetadas de forma distinta dos homens no que concerne aos problemas de saúde, isolamento social e transtornos emocionais (SERASA, 2008).

As mulheres com idade acima de 60 anos enfrentam muitos desafios gerados por leis e políticas sociais de uma sociedade sexista e gerofóbica. Estas crenças refletem a ênfase da



sociedade na produtividade, no atrativo sexual e físico. O contexto social atual ensina e perpetua o descrédito na mulher idosa, começando com a representação da mulher velha nas histórias clássicas como bruxas, feias e malvadas (SALGADO, 1984). Esses fatores influem diretamente nas crenças que as mulheres idosas atribuem ao processo de envelhecimento e, conseqüentemente, como elas lidam com a construção da sua autoimagem. Segundo Minayo e Coimbra Jr. (2002), até o momento outros autores têm falado da pessoa idosa, dando foco ao envelhecimento e à velhice como um processo negativo, dando ênfase aos estereótipos que impedem a construção de uma imagem diferenciada do homem e da mulher idosa.

Sendo assim, partindo da necessidade de compreensão e construção do conhecimento sobre o tema brevemente discutido, a proposta de pesquisa do presente texto tem como objetivo geral identificar e analisar as crenças atribuídas pelas mulheres idosas ao processo do envelhecimento, por meio de um estudo descritivo e de abordagem quantitativa.

Cabe ressaltar que nossa compreensão sobre crenças baseia-se na discussão apresentada por Matta, Bizarro e Reppold (2009), que associam crenças irracionais como um conceito centrado na TREC (Terapia Racional-Emotivo-Comportamental) e seus pressupostos, os quais determinam as crenças como algo inerente ao indivíduo e desenvolvidas na educação familiar e social, permitindo criar uma visão sobre si mesmo, o outro e o mundo em geral, podendo enfim influenciar e dar contornos ao seu comportamento.

Assim sendo, a possibilidade de conhecer as crenças e atribuídas ao envelhecimento por parte das idosas, pode oferecer subsídios para intervenções psicossociais mais efetivas, promovendo um ambiente mais saudável para essa população que, como exposto nos dados acima, tende a crescer cada vez mais.

METODOLOGIA

A presente proposta de Pesquisa apresenta-se como um estudo descritivo, que segundo a concepção de Gil (1999), foca na descrição de características de uma determinada população ou fenômeno com estabelecimento de relações entre variáveis. Uma das características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas para coletas de dados.

A abordagem escolhida será de caráter quantitativo, pois prioriza apontar numericamente a frequência e a intensidade dos comportamentos dos indivíduos de um determinado grupo, ou população, ao mesmo tempo



em que está relacionada ao levantamento de dados sobre as motivações de um grupo, em compreender e interpretar determinados comportamentos, a opinião e as expectativas dos indivíduos de uma população.

A Pesquisa será realizada em 3 Instituições de Longa Permanência para Idosos, sendo duas na cidade de Campina Grande e uma na cidade Lagoa Seca.

A população participante terá como critério de inclusão mulheres acima de 60 anos a serem escolhidas por amostragem conforme o modelo probalístico aleatório, considerando que todas as mulheres tenham a mesma viabilidade de participarem do estudo. Sendo definida a princípio uma porcentagem de 50% da população total, proporcionalmente ao número de idosas de cada instituição.

A coleta de dados será realizada mediante a utilização da Escala Diferencial Semântica de Crenças sobre a Velhice, constituída por Neri (1991; 1995; 1997). Tendo como base o conceito de crenças irracionais em Matta, Bizarro e Reppold (2009), as quais se originam no processo educacional e social do sujeito, que de forma crédula e aceita toda sorte de ideias, sentimentos e ações que seus pais e cuidadores mostram, sejam funcionais ou não.

Na referida escala cada item é ancorado por dois adjetivos em oposição. A intensidade das respostas é indicada por um gradiente de cinco pontos e sua direção positiva ou negativa pela posição relativa dos adjetivos positivos ou negativos em cada par. A estrutura dessa escala foi descrita fatorialmente em termos cognitivos ou relativos à capacidade de processamento da informação e de solução de problemas, com reflexos sobre a adaptação social (10 itens); de agência, isto é, autonomia e instrumentalidade para a realização (6 itens); de relacionamento social, cobrindo aspectos afetivo-motivacionais, refletidos na interação social dos idosos (7 itens); e alusivos à imagem social (persona), por se acreditar que refletem os rótulos sociais comumente usados para designar e discriminar pessoas idosas.

Os critérios éticos que norteiam a pesquisa estão sendo desenvolvidos conforme orienta a resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde que rege sobre a ética em pesquisa envolvendo seres humanos direta ou indiretamente, assegurando a garantia de a privacidade e a integridade dos participantes.

RESULTADOS ESPERADOS

Levantamos como hipóteses esperadas, diante da problemática das crenças sobre o envelhecimento na perspectiva das mulheres idosas, os seguintes pontos: 1. As idosas



atribuem ao processo de envelhecimento o sentido de inutilidade, produzindo a crença de que o velho é um peso para a família e para sociedade; 2. As idosas enfrentam a baixa autoestima, causando assim a negação da autoimagem, produzindo a crença reforçada pelas estruturas sociais de que apenas mulher jovem possui atributos de beleza e vitalidade; 3. As mulheres idosas ao enfrentar os problemas da velhice (biopsicossociais) produzem a crença de maior fragilidade e de vulnerabilidade, como um peso para os cuidadores e família.

DISCUSSÃO

O crescimento da população idosa vem acontecendo de forma progressiva no Brasil. Segundo dados do IBGE10 (2004), os valores da projeção dessa população seguem uma curva de crescimento acelerado. Como o Brasil não se projetou adequadamente para atender às necessidades da população idosa, o envelhecimento é tratado como um “problema” e não como uma conquista, sendo os idosos vistos como um encargo para a família, para o Estado e para a sociedade. Afirmam Siqueira et al. (2002) que o processo de envelhecimento populacional repercutiu e ainda continua repercutindo nas diferentes esferas da estrutura social, econômica e política da sociedade, uma vez que os idosos possuem necessidades específicas para obter condições de vida adequadas.

Neri (2008) define os idosos como população de indivíduos categorizados a partir da duração do ciclo de vida, entendendo-se por velhice a última fase do ciclo de vida, sendo ela delimitada por eventos de natureza múltipla, como por exemplo, as perdas sociais, psicológicas e biológicas, em fim, um processo de mudanças universais reguladas por fatores biopsicossociais.

Para Carvalho e Garcia (2003) o envelhecimento populacional é compreendido como uma mudança na estrutura etária da população, caracterizado pelo aumento do peso relativo dos indivíduos acima de determinadas faixa etária, que será considerada como ponto inicial da velhice. Este limite inferior pode variar de uma sociedade para outra e depende de fatores biológicos, psicológicos, sociais e econômicos.

Esta mudança populacional está causando alterações profundas em todos os âmbitos da sociedade. A transição demográfica afeta de maneira impactante todas as dimensões sociais, porém é na saúde que ela transcende os limites existentes, tanto pela sua repercussão nos diversos níveis assistenciais como pela demanda por novos recursos e estruturas (PEREIRA et al., 2005).



No tocante a mulher idosa as pesquisas mostram de forma significativa o quanto a longevidade feminina é mais comum que a masculina. Esse crescimento pode ser atribuído a menor exposição a fatores de risco como tabagismo e etilismo, bem como as diferentes atitudes entre homens e mulheres em relação ao controle e tratamento e doenças (COELHO FILHO; RAMOS, 1999). A maior expectativa de vida das mulheres e a tendência destas em se casar com homens mais velhos trouxeram como consequência que, nas famílias, a maioria das pessoas de idade avançada sejam do sexo feminino. Isso se deve também a comportamentos específicos do homem e da mulher: mulheres frequentam mais os centros de saúde, homens estão mais expostos a acidentes de trabalho e de trânsito e somam-se à prevalência de alcoolismo, drogas e tabagismo, vícios que também afetam as mulheres, mas em menor proporção (CHAIMOWICZ, 2006).

As mulheres idosas enfrentam uma problemática muito particular na sociedade atual, o que as coloca, em uma posição de fragilidade e de vulnerabilidade. A vulnerabilidade é um construto conceitual que inclui aspectos relacionados à saúde e seus determinantes, que envolve os planos individual, social e programático, no qual esses planos são indivisíveis (PAZ; SANTOS; EIDT, 2006). As idosas são parte de uma maioria muitas vezes invisível cujas necessidades emocionais, econômicas e físicas permanecem, em sua maioria, ignoradas. Em nível sociopsicológico à mulher é atribuída, no decorrer de sua vida, uma série de responsabilidades na família e na sociedade em geral. Partes das mulheres idosas, então, enfrentam uma aposentadoria com pouco rendimento ou nulo, ralos recursos econômicos, ficam viúvas ou passam pela separação do casal, afastamento de seus filhos e filhas, cuidado de familiares dependentes (jovens ou idosos).

Podem enfrentar ainda, sentimentos de inutilidade, provocados por todos os mitos e estereótipos existentes socialmente. Estas séries de situações podem acarretar a não aceitação da velhice, a negação de sua sexualidade e a uma baixa autoestima (porque já não se veem como antes), causando assim a negação da sua autoimagem, tendo em vista que as estruturas sociais exigem da mulher ser jovem, produtiva e bonita (dentro de um padrão de beleza), para participar e contribuir com a sociedade. Somado a essas questões, as mulheres idosas se tornam ainda mais vulneráveis na velhice devido à valorização da juventude pela sociedade em que vivemos, pelo imaginário social, que enxerga o envelhecimento como um processo relacionado a desgastes, limitações, perdas físicas e de papéis sociais.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através levantamento bibliográfico realizado neste texto, pode-se perceber, que são poucos os trabalhos que caracterizam o envelhecimento feminino e trazem um estudo voltado para as crenças que as idosas atribuem à velhice. Grande parte dos trabalhos se referem ao envelhecimento entre homens e mulheres sem nenhuma distinção, deixando de lado as características de gênero envolvidas.

Na construção desse trabalho pudemos observar que mediante vários fatores o envelhecimento é vivenciado de diferentes formas por parte das mulheres. Na ligação entre o envelhecimento e situações de vulnerabilidade, e as relações com o outro, estão presentes muitos aspectos, prejudicando muitas vezes uma vivência saudável nessa etapa da vida. Mesmo com tantas conquistas importantes realizadas pelas mulheres, envelhecer ainda é um tabu a ser problematizado.

As mulheres de terceira idade enfrentam uma problemática muito particular, considerando aspectos socioculturais, tais como: trabalho; desempenho de atividades e vivências de diversos papéis como mãe, esposa, mulher e trabalhadora, por exemplo.

Espera-se que as reflexões realizadas no espaço deste texto e na realização da pesquisa ofereçam subsídios na promoção da saúde desta população, com intervenções que possam promover qualidade de vida e um empoderamento feminino independente da faixa etária. Mudanças que possam problematizar, em fim, questões de gênero que acompanham nossa sociedade, podendo trazer a questão da mulher idosa e suas crenças sobre a velhice para o centro do debate científico.

REFERÊNCIAS BIBLIGRÁFICAS

ARCURI, I. G. Velhice: da gerontofobia ao desenvolvimento humano. In: CORTE, B.; MERCADANTE, E.F.; ARCURI, I.G (Eds.). **Velhice, envelhecimento, complex (idade)**. São Paulo: Vetor, pp. 35- 56, 2005.

CAMARANO, A. A. Envelhecimento da população brasileira: Uma contribuição demográfica. In: FREITAS, E. V. et al. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, p. 88-105, 2006.

CHAIMOWICZ, F. A saúde dos idosos brasileiros às vésperas do século XXI: problemas, projeções e alternativas. **Rev. Saúde Pública**, v. 31, n. 2, p. 184-200, 1997.



CARVALHO, J. A. M.; Wong, L. R. A transição da estrutura etária da população brasileira na primeira metade do século XXI. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, n. 24, v. 3, p. 597- 605, mar. 2008.

CARVALHO, J. A. M. de. & GARCIA, R. A. O envelhecimento da população brasileira: um enfoque demográfico. **Cad. Saúde Pública**, P. 725-733, 2003.

COELHO FILHO, J. M. & RAMOS, L. R. Epidemiologia do envelhecimento no Nordeste do Brasil: resultados de inquérito domiciliar. **Rev. Saúde Pública** [online]. vol.33, n.5, pp.445-453, 1999.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas SA, 2008.

MATTA, A. D., BIZARRO, L., & REPOLD, C. T. Crenças irracionais, ajustamento psicológico e satisfação de vida em estudantes universitários. **PsicoUSF**, 14(1), 71-81, 2009.

MERCADANTE, E. F. Velhice: Uma questão complexa. In B. Corte, E. F. Mercadante, & I. Arcuri, (Eds.), **Velhice, envelhecimento e complex(idade)**, São Paulo: Vetor, pp. 23-34, 2005.

MINAYO, M. C. S. & COIMBRA JR, C. E. A. Entre a liberdade e a dependência: reflexões sobre o fenômeno social do envelhecimento. **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Fiocruz, 2002. 11-24.

NERI, A.L. **Análise de conteúdo de amostra de dissertações e teses em Psicologia e Ciências Sociais produzidas no Brasil no período 1975-1996**. Texto e Contexto: Revista de Enfermagem, 6(2): 69-105, 1997.

_____. **Atitudes e crenças em relação à velhice**. O que pensa o pessoal do SENAC – São Paulo. Relatório técnico. São Paulo: SENAC, 1995.

_____. **Envelhecer num país de jovens. Significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos**. Tese de Livre Docência. Universidade Estadual de Campinas, 1991.

PAZ, A. A.; BEATRIZ, R. L. S. & EIDT, O. R. Vulnerabilidade e envelhecimento no contexto da saúde. **Acta paul. enferm.** vol.19 no.3 São Paulo July/Sept. 2006.

SALGADO, C. D. S. Mulher idosa: a feminização da velhice. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**. V. 4.pp 7-19, 2002.

SERASA. **Guia Serasa de orientação ao cidadão**. Disponível em: Acesso em: <http://www.serasa.com.br/guiaidoso/>. 01 março. 2017.

SILVA, L. M. **Envelhecimento e qualidade de vida para idosos: um estudo de representações sociais**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal da Paraíba, 2011.



II CONBRACIS
II Congresso Brasileiro de Ciências da Saúde

TURMER, B; TROLL, L. **Women Growing Older**. Thousand Oaks, CAL: Sage, 1994.
Gil, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

